COMPRA MEZ 1952

Numero unico

Rev.

Fevereiro de 1908

O XUAS

Composto, impresso e lithographado n'A EDITORA

Conde Barão, 50

Director e proprietario

Estevam de Carvalho

Preço 20 réis

J. 96FA

Correspondencia dirigida para a

R. da Cruz dos Poyaes, 84, 3.", E.



Assiste impassivel ao desmoronamento do seu castello

CHRONICA

Está claro, que na actual situação, não podiamos deixar de falar dos ultimos acontecimentos que se deram em Lisboa, acontecimentos de tal ordem importantes, que sobresaltaram bastante a população pacata, costumada ao ram-rão diario dos seus afazeres.

Para nós, é ponto assente, que o verdadeiro culpado d'essa tragedia que se desenrolou no Terreiro do Paço, foi só o dictador, e a prova de que foi elle, está na fuga vergonhosa que praticou dois ou tres dias depois do regecidio.

O homem que mezes antes, dizia a um jornalista extrangeiro, que «quando veio ao mundo já sabia que tinha de morrer, e portanto, tanto se lhe dava morrer de uma febre como de uma bala» esqueceu-se d'estas palavras, e vendo as barbas do visinho a arder, deitou as suas de molho, isto é: safava-se incognitamente, sorrateiramente como um criminoso, com medo que a Justiça, a verdadeira Justiça, que é o Povo, fizesse justiça por suas mãos, pagando-lhe todo o mal que lhe fizera, todos os vexames por que passára.

No dia seguinte ao do attentado, correu por ahi, e principalmente na Baixa, que o dictador se tinha suicidado com um tiro de revólver.

Toda a gente séria acreditou porque toda a gente séria, ou ainda aquella que tivesse um bocado de vergonha, teria praticado assim.

Mas era mentira!... Foi um boato, nada mais.

Pouco depois diziam os jornaes todos, que o dictador tinha partido no expresso de Madrid. embarcando occultamente em Campolide, para o que, o machinista recebera ordem de parar n'esta estação, cinco minutos antes da partida do comboio!

Querem mais claro?

Digam lá se havia ou não medo da justiça do povo!

A prova de que o dictador tem medo, é que mesmo em Hespanha anda guardado e receoso de que as ruas por onde tenha de passar seiam estreitas...

N'um telegramma recente dizse que o sr. João Franco vai a caminho de Genova acompanhado por dois inspectores da policia!

Que triste situação a que chegou este homem que blasonava não ter medo de morrer!

Consta á ultima hora que João Franco se dirige á Allemanha, pois mesmo em Genova tambem não se encontra seguro visto não gosar alli de grandes sympathias, segundo lhe fez saber a propria municipalidade a quem se dirigiu, e isto pelo motivo de ter despedido todo o pessoal das suas propriedades.

E na Allemanha terá sympathias? Viverá alli descançado?

Julgamos que não.

Por muito que se guarde, por muita policia de que se faça acompanhar, não será capaz de fugir ao castigo que por suas proprias mãos creou e que se chama—Medo!

Mas, uma pergunta se nos apresenta agora:

Seria só o dictador o culpado dos factos que se deram?

Quer-nos parecer que não.

Por uma carta publicada n'uma das folhas mais lidas de Lisboa, vêmos que mais alguem estava ao corrente da agitação publica, portanto das duas, uma:

Ou tinha poder para regeitar a sua assignatura e impôr a sua vontade, ou então tinha de fazer o que o outro mandasse, o que não acreditames,

Na primeira das hypotheses, foi de uma leviandade de rapaz de escola, leviandade que lhe custou a vida, e veio provar á evidencia que o povo não se leva á ponta da espada, nem é com leis terroristas, nem com repressões que se consegue domar a sua vontade.

Um gato, por muito manso que seja, se lhe pizarmos o rabo volta o dente e arranha.

Pois o povo é um gato muito

manso, mas... pizaram-lhe o rabo... arranhou...

De que serviram as buscas domiciliarias?

De que serviram as prisões vexatorias de cidadãos livres e que estavam ao abrigo de todas as suspeitas, não só pela sua conducta politica como pelo seu caracter impoluto?

Não serviram de nada!...

Esqueceram-se de revistar o gabão do Buiça...

Se tal fizessem os marinheiros não seriam perdoados, não volveriam á sua patria, ás suas mulheres, aos seus filhos, ás suas familias.

E quantas lagrimas não terá derramado toda essa gente?!...

Eu sei lá!...

Tantas, tantas ... que talvez o proprio Oceano se julgue pequeno, comparado com as lagrimas vertidas por tantos olhos!...

Ah!... valentes marinheiros!... como eu desejaria apertar-vos to-

dos n'um só abraço!...

E agora, já que temos vento e de feição e mar de rosas, é largar os trapinhos e... ála que se faz tarde!...

Conversando

— Porque rasão anda o Xuão acompanhado d'auctoridades?...

Dar-se-ha o caso, que tenha medo de ser raptado?!...

 Não... é para mostrar que lá fóra a opinião publica está com

elle...

— Olha lá, tu sabes em que terra o Xuão faz residencia?...

— Ainda não se sabe, como elle dizia que para a frente era o caminho, assim vae andando até...

-Até onde?!...

Até encontrar a terra do seu famoso decreto de 13 de fevereiro...

— Porque abandonou o Xuão a politica?...

— Porque teve medo que a politica lhe desse cabo das costas.

Vade retro...

Foi-se, e sem deixar saudades. Na sua mala de viagem á pressa enfardada levou com as peugas e os lenços de assoar o messianismo que todos vimos e a apregoada redempção d'este paiz de pacovios.

Na precipitação da sahida, para que lhe não demos o seu proprio nome de fuga, não poude abraçar os amigos nem esperar o apparecimento dos perseguidos.

Estamos convencidos de que, para taes resoluções, operou mais no seu espirito o sentimento da modestia do que o do medo covarde.

Está visto. Pois quem poderá suppôr que o sempre heroe João Franco, valente á sombra da brutalidade da municipal, destemido com a defeza dos assassinos da policia, teria alguma vez na vida, medo de alguem.

Elle, o valente, o audacioso!

Pode lá ser! Se em creança já mostrava o seu heroismo matando gatos inoffensivos á mócada desprevenida?!

Medo, o Franco! Isso sim! Safou-se, mas por prudencia. Nada que cautella e caldos de gallinha até aos francos é salutar.

E agora que o homensinho não pára ciaco minutos n'uma terra, que foge de um hotel para um comboio, de uma cidade para uma aldeia, faltando-lhe apenas para a odisséa ser completa, saltar de um automovel para uma carroça do lixo — verdade seja que local apropriado — chegamos a lamental-o mais que não seja pelo dispendio que deverá ter com as lavandeiras.

E tanto assim é, e tão pestifero o seu corpo em que os seus proselitos acharão o resaibro consequente de uma alma a vomitar pus, que sabemos ser com elle impossivel a proximidade no mesmo vagon, ou a visinhança no mesmo hotel!

O homem está pôdre!
Triste fim de um despota.
O estupôr á suppuração.
Vae-te, demonio, que elle te

carregue para bem longe, onde não faças perca nem damno.

Adeus, Xuão, até á vista... se desgraçadamente nos tornarmos a vér.

Vade retro...

Eu.

Dizem que o Xuão mandou pedir a S. Jorge, a armadura do seu homem de ferro, afim de poder viajar mais á vontade, sem ter que recear ciladas, nem ruas estreitas.

O Santo respondeu que sim, e offereceu-lhe também a atarracha. Acceitará?!...

O Messias de volta

Segundo lêmos no nosso estimavel confrade O Mundo, o celebre dictador, ou por outra o unico homem que poderia salvar a patria, negou a um correspondente do Petit Parisien, que tivesse feito declarações no sentido de abandonar definitivamente a politica, além d'isto pediu licença por 90 dias, sem vencimento, como auditor do contencioso fiscal. Tal resolução parece provar não ser verdadeira, a feliz nova espalhada que estavamos livre de tal creatura para sempre, pelo contrario, logo que termine a tal licença teremos novamente de volta 0 Mes. sias com um novo programma suisso e immediatamente começará a propaganda de tal elixir, cacando no mesmo terreno que os republicanos, devéras arrependido de toda a sua obra, indo até aos quartos andares da baixa apregoar moralidade e lealdade, (só para elle já se vê).

Mas ó menino para cá vens de carrinho e vaes... de carroça. Já todos te conhecemos e aos mais Thalassas cá da Lisbia amada. O melhor, toma o meu eonselho, deixa-te ficar por lá, pois voltando decerto os teus numerosos amigos, te offereciam algum banquete, e escusas de ter como fazendo parte do menú, um pouco de ... como no celebre jantar do Porto. Ainda te não ficaria de emenda? Apre que é ser casmurro de mais.

Tavico.

O homem de quem temos saudades, o grande ministro, o nosso querido Xuão

Foi pena que elle nos deixasse!



O' Xuão, querido Xuão Volta já e sem tardar Para assignares um decreto Mandando-me enforcar.

Esse dia venha breve, Pois tu com o teu valor Ao resto da redacção Dás de presente...«Timor»

TAVICO.



A justiça esmaya a tyraniaaabre as portas á liberdade

Reunião sensacional

O tão celebre partido regenerador liberal, visto a resolução do seu chefe abandonar a politica ou retirar-se temporariamente para o estrangeiro, resolveu reunir para apreciar a sua conducta futura e contar o numero de correligionarios que ainda razem parte da seila.

Como o numero deve ser bastanle elevado, a reunião devia realisar-se no Terreiro do Paço, que é campo largo, onde decerto cabem mais de vinte ou trinta pessôas que são quando muito as que constituem tão lembrado partido dos Thalassas.

Visto ser este o partido mais numeroso, ficará com os seguintes chefes, por um ser pouco para tanta gente: Martins de Carvalho (o Bandalho), Teixeira de Abreu (advogado dos Mortos), Mello e Sousa (o homem das postas... sem serem de bacalhau) e Malheiro Reymão.

Além d'estes será dada a chefia honoraria ao celebre dictador João Franco, que do estrangeiro os irá illucidando sobre os progressos da politica em Marrocos ou na Russia, remettendo-lhe diversos desenhos de forcas, guilhotinas, etc., etc., para mandarem immediatamente executar, para estarem promptas á primeira voz logo que o Xuão fôr chamado novamente ao poder, o que deverá ser breve.

Bate certo.

TAVICO.

Palavras de João Franco, ao sr. conde de Tovar que lhe communicou que alguns jornalistas o desejavam entrevistar:

Não posso fazer declarações de especie alguma. Agora só quero esquecimento e repouso. Um dia mais tarde falarei.

Quando será esse dia? Tinhamos o maximo empenho em ouvir novamente um teu discurso e se o fizeres desde já te pedimos para repetires aquella celebre tirada, um raio de sol n'uma noute calliginosa, que é de a gente endoudecer de riso.

FOI P'RA.

O Xuão chegou a casa A suar como um camello; Levava a cabeça em brasa Té a raiz do cabello.

E fugiu, E fugiu,

Foi p'ra... casa do seu tio!..

E depois mais socegado,
Poz-se a criada a chamar,
Perguntando apoquentado:

— Ha ceroulas p'ra mudar?

E fugiu, E fugiu,

Foi p'ra... casa do seu tio!...

Lá vae o heroe da Thalassa A fugir como um petiz, Toda a gente, se elle passa, Aperta logo o nariz. E fugiu,

E fugiu, E fugiu,

Foi p'ra... casa do seu tio!...

Um jornal italiano diz que, «se o sr. João Franco foge, é porque é culpado».

Ora, meu amigo, pois ainda tem

Bem se vê que a Italia é a terra da Santidade!

Uma bota... apertada

Segundo consta por ahi, o sr. Ferreira, por alcunha o Xuão Franco, tinha arrematado todo o sebo armazenado no Matadouro, e mais o existente nas golas dos casacos dos varredores da Camara, afim de dar nas palhetas, quando desse ás de Villa Diogo, por esse mundo fóra.

Ora deu-se o caso de ao chegar a Hespanha, parecer-lhe que a bota ainda estava apertada e foi consultar o criado do hotel.

— Não achas que a hota está apertada e que não sei como a hei de descalçar? perguntou o Ferreira.

— Qué?!... apertada?!... não... 'tá laça... 'tá laça. — Cala-te, desgraçado? exclamou o Ferreira. pondo-se-lhe os cabellos em pé e mais direitos que pinheiros; por causa da Thalassa é que eu estou aqui!...

E deitou a correr pela porta fóra não se sabendo ainda onde irá parar, esperando-se comtudo que além da hola apertada em que se metteu, apanhe lambem um par de calças.

GENOVA. — Assegura-se que o sr. João Franco partirá brevemente para a Allemanha porque gosa de poucas sympathias na população d'esta cidade.

— Pois quê? Será possivel que tambem de lá sejas corrido? Coitado!

Foi-se...

Partiu... e não faz cá falta; Vagueia, errante e proscripto, Não sei se no Cairo, em Malta, Em Nazareth ou no Egypto,

Se por cá mais tempo dura Seu poder omnipotente, Co'a maldita dictadura Punha a forca novamente.

Teve ás ordens a policia Tanto tempo quanto quiz... Era mesmo uma delicia Governar um tal paiz.

Mas quando, todo lampeiro, Ia dar golpe vivaz O destino traiçoeiro Deu-lhe nas ventas p'ra traz

Teve entradas de leão O valente granadeiro, Mas foi de nariz ao chão E cahíu no atoleiro.

Já fugiu de Portugal, E não foi lá muito cedo. Safou-se... porque a final Quem tem... barriga, tem medo.

DEMOCRITO.

O Xuão, desde que largou a pasta, tem chorado por ella, que é uma coisa por demais; mas a sua maior saudade é por já não tornar a apanhar a dita... dura... como a deixou...

Historia de um Xuão

Era ainda pequeno já mostrava o seu bom coração, por isso, se entretinha nas horas em que o estudo não o apoquentava, matando gatos, pois tinha n'esse divertimento revoltante, o seu me-

lhor prazer.

Foi crescendo, e apoderando-se d'elle a ideia que, um dia havia de ser conhecido; e foi não sei como, nem porque arte, a ministro. (Era o seu primeiro pulo.) Mas não estava satisfeito, e não estava porque não podia expandir á vontade toda a sua bondade que o acompanhava desde creança.

Que fazer? pensava elle. E tanto pensou que se desligou do seu maior amigo a quem tudo

Mas a sua ideia ambiciosa era de ser elle e só elle o senhor da terra; tornou a pensar, e mais uma vez o seu coração bondoso o auxiliou. Lembrando-se que só não era nada, arranjou uns bonecos automatos para o auxiliarem n'uma empreza; mas para isso precisava primeiro pedir esmola; sim, ir por essas cidades e villas, prégando sermões aqui e alli, para que o ajudassem na sua ideia emprehendedora; e ajudaram-n'o. Oh! que felicidade, tinha chegado onde queria.

Dispondo todos esses bonecos automatos nos seus logares, ei-lo que começa fazendo o contrario a todos que o tinham ajudado a dar o seu (segundo pulo), mas ainda não contente, pois quanto mais alto era o pulo mais ambição tinha, pensou que havia alguem que lhe pudesse embaraçar o caminho. Que fazer? mais uma vez o seu coração bondoso lhe indica que era melhor inutilisar esse alguem para não o incommodar a si e seus automatos, e feito isto preparava-se para dar o (terceiro pulo) mas oh! . . . infelicidade! eis que escorrega e cae tão desastrosamente com o nariz no chão, que se viu obrigado, pois d'esta vez o seu coração bondoso não o conseguiu levantar da lama onde

cahiu, a partir com as malas contendo toda a sua ambição e maus figados, fugindo, temendo a todo o instante que lhe peçam contas dos seus actos.

Corre e não pouco até encontrar um buraco onde a vergonha o faça esconder para não mais voltar.

O João Franco tem declarado a varios jornalistas, que se vai deixar da politica e recolher á vida privada...

Que pena não se ter lembrado d'isso ha mais tempo!

CACACACA

O valentão

Do nosso collega O Seculo transcrevemos o seguinte:

Como se disse, o sr. João Franco, ao entrar em Madrid, manifestou logo na sua attitude, nos seus gestos e nas suas palavras o receio de ser alvo de qualquer aggressão pessoal. E apenas o sr. Millan Astray, commissario geral da policia de Madrid o foi visitar ao Hotel de la Paz, o ex-presidente do conselho pediu-lhe que o não abandonasse, «pois sabía que, além de bom policia, o sr. Astray era um homem robustissimo e de coragem». O commissario procurou inmediatamente tranquillisal-o com estas palavras:

— Esteja v. ex.º socegado; emquanto se conservar em Madrid, respondo por tudo

E, assomando a uma das janellas do hotel, levantou as cortinas e mostrou ao sr. João Franco varios policias que estacionavam nas proximidades do edificio, confundidos entre os grupos de curiosos. O ex-presidente do conselho verificou o facto e deixou-se cahir n'uma poltrona, profundamente abatido.

Julgavam que foi por medo que o homem que era conhecido por João Franco, e que passou a assignar-se Ferreira pediu auxilio ao commissão hespanhol? Não; elle nem mesmo conhece essa palavra, e se resolveu sahir de Lisboa foi unicamente para se furtar às manifestações enthusiasticas que a opinião publica, que aliaz elle teve sempre a seu lado, estava preparando.

Foi só por isto convençam-se; e de modesto que é, até pede que não estejam a incommodar-se

com elle e que o esqueçam, para ver se assim poderá longe dos que tanto o estimavam ter um pouco de socego, pois emquanto teve o gosto de ser ministro nem tempo tinha para descançar; tantas e tantas eram as felicitações á sua obra, das quaes a que mais lhe ficará gravada é a mensagem dos Thalassas.

Pobre de ti Xuãosinho Dizias-te Valentão, Mas se não tens cuidadinho E's uma vez um Xuão.

Pensa bem; Oh! exilado No que te convem dizer, Pois procedendo acertado Ainda alcanças, o poder.

E então verás em realidade Todo o teu sonho, d'encantar, A forca! Oh! que felicidade Mas quem a hade exprimentar?

Ah! já sei. O Mexias primeiro Logo a seguir o Valentão O Mata gatos terceiro Emfim o Xuão, sempre o Xuão

TAVICO

O Xuão foi a caminho de Genova, com dois policias a guardal-o, por causa das moscas...

Apre!...

Com que então já é preciso ser aos pares, como os frades!!

Este Xuão deu sempre ò cavaquinho pelos Pares... do reino visinho . . .

A SAHIR

Homenagem aos defensores da liberdade victimas do dictador, com os retratos dos Drs. Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, Egas Moniz, João Pinto dos Santos e dos srs. João Chagas, Visconde da Ribeira Brava e França Borges, acompanhados d'um brilhante artigo devido á penna do dr. Bernardino Ma-

Este trabalho constituirá uma recordação do mez de janeiro.

A edição será de luxo, propria para

Pedidos ao editor Estevão de Carvalho, rua da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º esq.

EXILADO. on airotail



Tanto quiz fazer, que assim ficou...